



DOS TRAPOS DE IMUNDÍCIA ÀS VESTES REPARTIDAS DE JESUS CRISTO: EXPERIÊNCIAS DE UPCYCLING NO VESTUÁRIO DO MUNDO BÍBLICO

**From filthy rags to the divided garments of Jesus Christ:
experiences of upcycling in the clothing of the biblical world**

Isi de Oliveira Barreira*

Edilson Baltazar Barreira Júnior**

A
R
T
I
G
O



* Graduada em Design de Moda pela UFC, consultora em imagem e estilo com formação na Escola Modaparamim.



** Graduado em Teologia, Doutor em Sociologia pela UFC, professor do UNIFAMETRO.

Recebido em: 09/11/2020

Aprovado em: 27/12/2020

RESUMO:

O artigo analisa alguns relatos bíblicos, nos quais peças de vestuário foram objeto de algum tipo de reaproveitamento. A discussão ocorre mediada por conceitos contemporâneos de sustentabilidade e *upcycling*. Metodologicamente, seguiu-se pela análise sócio-histórica, pois possibilita compreender melhor o vestuário do mundo antigo numa perspectiva simbólica, visto que tais formas não subsistem num vazio, mas são produzidas, transmitidas e recebidas em condições sociais e históricas específicas. O ensaio conclui-se com a definição de que o vestuário do mundo antigo se circunscreve numa história de longa duração, em que o reaproveitamento de materiais têxteis ou não era uma necessidade, não uma opção.

Palavras-chave: *Upcycling*; Sustentabilidade; Moda; Vestuário.

ABSTRACT:

The article analyzes some biblical reports, in which garments were subject to some kind of reuse. The discussion takes place mediated by contemporary concepts of sustainability and upcycling. Methodologically, it was followed by socio-historical analysis, as it makes it possible to better understand the clothing of the ancient world from a symbolic perspective, since such forms do not exist in a vacuum, but are produced, transmitted and received in specific social and historical conditions. The essay concludes with the definition that the clothing of the ancient world is circumscribed in a long history, in which the reuse of textile materials was not a necessity, not an option.

Key-words: Upcycling; Sustainability; Fashion; Clothing.

INTRODUÇÃO

Em um mundo movido pelas regras do capitalismo constata-se cada vez mais o consumo desenfreado, a alta emissão de gases nocivos ao meio ambiente, em grande parte, promovida pelas indústrias, a alta exploração dos recursos naturais e o descarte indevido de resíduos na natureza. Tudo isso nos obriga a discutir sobre a sustentabilidade em muitos setores da sociedade, em especial, o econômico ou como assinalavam Marx e Engels (1996), o infraestrutural.

Sendo a indústria da moda o segundo maior setor de consumo do mundo, consequentemente colabora na poluição do meio ambiente (MESQUITA, 2015). Cada vez mais as pessoas se distanciam de práticas passadas em que prezavam pela qualidade do produto e buscam novidades que se convertem em necessidades (SVENDSEN, 2010), sendo assim, a quantidade passa a ser o foco principal. Roupas que duas semanas atrás estavam em alta, hoje, já estão ultrapassadas e entediam. Essa “carência”, por novos produtos de moda, gera um ciclo de produção/consumo cada vez maior e tornando a “vida útil” do produto intensamente reduzida.

A Revolução Industrial, iniciada no século XVIII, começou todo um processo de alteração nas relações de trabalho provocando grandes modificações sociais (DURKHEIM, 2010), entre elas, a mecanização das tarefas que antes eram produzidas artesanalmente, por meio de um processo lento e seletivo. A revolução das máquinas, a produção em série e em larga escala, foram facilitadores para baratear o preço dos produtos, podendo atingir um maior número de pessoas de várias classes sociais. Assim, com o advento da mecanização e alta produção, a sociedade de consumo se consolidava (CARDOSO, 2008).

Diante do exposto, a indústria da moda pode ser vista como uma grande vilã ao meio ambiente, em vista de suas práticas de produção, desde o cultivo da matéria-prima até o consumidor final. Com a facilidade de circulação de informações, muitas pessoas têm exigido cada vez mais uma moda limpa e sustentável, assim aquele setor industrial tem buscado alternativas e estratégias para se reinventar de maneira consciente e criativa.

Entre as muitas possibilidades para a construção de um fazer de moda mais sustentável, o *upcycling* tem se destacado nos últimos anos, não somente como uma prática, ecologicamente correta, mas também um refletir teórico.

Dessa forma, a ideia de se trabalhar com a temática de *upcycling* – que é a transformação e a resignificação de um produto que já não tinha mais uso pleno em algo completamente novo – se dará colhendo exemplos de reaproveitamento de materiais na Bíblia, não como um mero inventário, mas como uma articulação teórica recuperando dimensões culturais, políticas e econômicas daquela época. Assim, ao elaborar este breve artigo, buscamos construí-lo a partir do diálogo teórico em torno da sustentabilidade e da técnica do *upcycling*.

Inicialmente, convém pontuar que a moda é uma construção moderna, cujo início ocorreu com o período renascentista, conectado à expansão do capitalismo mercantil e, posteriormente, com a ascensão da burguesia, visto que na Antiguidade, em especial a greco-romana, “não havia autonomia estética individual na escolha das roupas” (SVENDSEN, 2010, p. 22). Desse modo, os relatos que encontramos na Bíblia referem-se à indumentária e não moda¹.

Estudos acadêmicos sobre as vestimentas nos tempos bíblicos são quase inexistentes. Ora, se a moda, como campo do conhecimento, só começa a despontar os primeiros trabalhos, com um rigor metodológico e teórico, no final do Sec. XIX e início do Sec. XX, com os desafios impostos aos intelectuais e artistas impactados com as rápidas mudanças trazidas pela modernidade (CRANE, 2006), quanto mais o interesse pelo vestuário na Bíblia. Fora os verbetes de dicionários bíblicos, como o organizado por Douglas (1984), manuais enciclopédicos como os de Tenney, Packer e White Jr (1988) e Gower (2002) ou textos descritivos como o de Daniel-Rops (2008), os demais são trabalhos panfletários e moralistas, como por exemplo, o de Piper (2008). Assim, mais uma vez, ressaltamos a relevância deste trabalho, o qual se justifica na tentativa de uma construção teórica sobre o vestuário na Bíblia, em especial, o reaproveitamento dos materiais.

¹ Assim entendemos como uma inadequação temporal e conceitual o uso do termo “moda” nas seguintes afirmações de alguns estudos, com os quais dialogamos neste artigo: “As modas dos homens israelitas permaneceram quase inalteradas, geração após geração (...) a mulher ornamentada de acordo com a moda dos tempos do Antigo Testamento” (TENNEY; PACKER; WHITE JR, 1988, p. 80, 85); “a influência da moda estrangeira introduzira o uso de outras peças de vestuário” (...) “moda helenista influenciará certamente as roupas femininas e muitas mulheres devem ter usado os trajes plissados, com ou sem mangas, que envolviam elegantemente o corpo, restando uma parte para cobrir a cabeça” (DANIEL-ROPS, 2008, p. 233,234); “a túnica usada por Jesus deve ter sido da última moda, por não ter a costura central” (GOWER, 2002, p. 14 – Grifos nossos).

Ao longo da Bíblia, muitas são as alusões às vestimentas. Desde as vestes de Adão e Eva² até as roupas brancas dos santos e mártires que as lavaram no sangue do Cordeiro³. Existem muitas referências às vestimentas masculinas e femininas; roupas sacerdotais, reais e dos pobres; acessórios, como a anéis, pulseiras, turbantes etc; calçados, além de metáforas⁴ e teofanias⁵. Alguns textos serão recuperados em nossa construção teórica, bem como, serão indicadas as principais vestimentas da vida diária, como a túnica e o manto.

Optamos pela análise sócio-histórica como metodologia, pois entendemos que um mero debruçar sobre textos das Escrituras Sagradas poderia esconder alguns detalhes importantes sobre a indumentária do mundo bíblico. Desse modo, o percurso sócio-histórico nos faz compreender melhor aquele mundo antigo numa perspectiva simbólica, posto que “as formas simbólicas não subsistem num vácuo, elas são produzidas, transmitidas e recebidas em condições sociais e históricas” (THOMPSON, 1995, p. 366). Assim, apenas a dimensão simbólica do vestuário pode explicar, por exemplo, porque Judá não reconheceu Tamar como sua nora e viúva de seus filhos, mas sim, como uma prostituta⁶. Tamar havia se despido de suas vestes de viuvez⁷ para armar uma trama contra o sogro, que postergou em cumprir o costume⁸ do levirato⁹. Portanto, ela se envolveu em túnicas, adereços e acessórios que dificultavam o reconhecimento como nora, mas

² Gn 3:21.

³ Ap, 7:14.

⁴ Como em Mt 9:16, que Jesus assinala “que ninguém põe remendo de pano novo em roupa velha”.

⁵ Em Is 61:1, o profeta Isaías tem a visão do Senhor e descreve que “a cauda do seu manto enchia o templo”.

⁶ O relato sobre Judá e Tamar está descrito em Gn 38.

⁷ Gn 38:14

⁸ Utilizamos o termo “costume”, pois a prática do levirato, como instituto legal, veio posteriormente com a doação da Lei ao povo de Israel, com a mediação de Moisés, consoante prescreve o Livro do Êxodo 25:5-10. Para uma ampla compreensão deste dispositivo legal no Israel Antigo, recomendo o livro de Weisberg (2009).

⁹ O conceito de levirato é: “quando um homem morre, o irmão coabita com a viúva. Considera-se, então, que os filhos provenientes destas relações foram gerados pelo defunto. A viúva continua a ser mulher deste, não sendo o irmão mais que um ‘substituto’; não é na verdade, o seu marido”. (AUGÉ, 1975, p. 45).

facilitavam a identificação como prostituta¹⁰. O mesmo, poderíamos destacar sobre as vestes sacerdotais e reais impregnadas de elementos simbólicos.

Obviamente, que num sistema de moda (BARTHES, 2009), o simbólico se exacerba com os signos¹¹ impressos pela multiplicidade de marcas (GODART, 2010, p. 113), visto que o indivíduo na modernidade busca a diferenciação “estimulado pelo desejo de competir e o hábito de imitar” (SOUZA, 2019, p. 20).

Neste artigo, entendemos sistema simbólico como “formulações tangíveis de noções, abstrações da experiência fixada em formas perceptíveis, incorporações concretas de ideias, atitudes, julgamentos, saudades ou crenças”. (GEERTZ, 1989, 105). Nossa análise sócio-histórica, além da dimensão simbólica, também se constrói num tempo histórico de longa duração¹², como pensavam os teóricos da Escola dos Annales¹³, pois entendemos que o vestuário do mundo antigo até o fim da Idade Média é marcado por uma longa permanência ou “uma temporalidade que vai além do tempo breve do evento” (CALANCA, 2011, p. 23), vindo a sofrer as primeiras rupturas “a partir do Renascimento, quando as cidades se expandem e a vida das cortes se organiza, que se acentua no Ocidente o interesse pelo traje e começa a acelerar-se o ritmo das mudanças” (SOUZA, 2019, p. 20), ou seja, quando começa a moda.

¹⁰ Kirsch (1998, p. 126), em sua versão romanceada do encontro entre Judá e Tamar, assim descreve: “o vestido provocante que ela usava, o perfume forte que lhe subia a pele, e a pequena bolsa que lhe caía entre os seios não eram coisas de mulher decente”, completo, mas sim de prostituta.

¹¹ “Signo é a união de significante e significado, de vestuário e mundo, de vestuário e moda”. (BARTHES, 2009, p. 388).

¹² De acordo com Fernand Braudel, a História situa-se em três escalas: na superfície, uma história dos eventos inserida na curta duração (concepção positivista); a escala do meio revela uma história conjuntural, seguindo um ritmo mais lento; por fim, uma história estrutural, de longa duração, que põe em causa os séculos. Assim, a *Nova História* influenciada pelas ciências sociais, em especial do grupo de historiadores da *Escola dos Annales*, realizou uma reviravolta epistemológica no que se refere ao conceito de tempo histórico (BURKE, 1997). A pesquisa historiográfica de longa duração consiste, portanto, “num esforço de superação do evento e de seus corolários, isto é, a história contínua, progressiva e irreversível da realização de uma consciência humana capaz de uma reflexão total”. (REIS, 1993, p. 20).

¹³ “Movimento historiográfico que tentou compreender o mundo francês, de outro, explicar, tanto possível a década de 20 às gerações posteriores e a prática do historiador para sociólogos, antropólogos, geógrafos e outros cientistas sociais (...) se apresenta sob a forma de uma história que busca harmonizar uma organização cronológica a uma temática”. (BURKE, 1997, p. 13).

1 – ALGUNS CONCEITOS PRELIMINARES

1.1 – Moda e sustentabilidade

A expressão “desenvolvimento sustentável” foi enunciada pela primeira vez no final dos anos de 1980, em um documento chamado de “Relatório Brundtland”, que foi apresentado na Organização das Nações Unidas (ONU, 1991), comandado por Gro Harlem Brundtland, então primeira-ministra da Noruega. Inicialmente, chamado de *Our Common Future* (SALCEDO, 2014, p.14), o relatório refere ao desenvolvimento sustentável como ações que são benéficas para o presente e que não interferem nas gerações futuras em suprir suas necessidades.

Vivemos achando que a natureza está ao nosso dispor o tempo todo, possuindo recursos infinitos e inesgotáveis¹⁴. Somos consumidores de recursos naturais a todo instante. Entretanto, ao contrário do que muitos pensam, chegamos a um ponto em que a natureza não está conseguindo se renovar, desestabilizando completamente o ciclo natural (SALCEDO, 2014). Perdemos a noção de como nosso comportamento tem afetado o Planeta. O consumo desenfreado tomou conta do mundo (SVENDSEN, 2010) e as consequências de nossas ações estão ficando cada vez mais evidentes.

A indústria da moda tem forte influência na poluição do meio ambiente ao mesmo tempo é uma das maiores geradoras de economia no país e no mundo. Este é o dilema global – como associar práticas ecologicamente corretas e desenvolvimento econômico? A indústria da moda, em seu processo produtivo tem sido fortemente insustentável. A produção de fibras naturais, como algodão, por exemplo, que em boa parte das vezes, acreditamos que não afeta em nada o meio ambiente por ser “natural”, é cultivada com uma boa carga de agrotóxico. Aliado a tudo isso, ainda enumeramos o imenso gasto de água para o beneficiamento das peças, como o tingimento, além do descarte indevido dos resíduos têxteis, bem como de produtos tóxicos nos mananciais (SALCEDO, 2014).

¹⁴ O povo de Israel tinha a terra como dom de Deus, assim encarava a necessidade de preservá-la, reconhecendo que não era de excelente qualidade como os territórios férteis do Egito (Dt. 11:10-12). Sobre essa temática recomendo o artigo de Frick (1995).

Engana-se quem acha que toda parte dos problemas está nas indústrias. A sociedade colabora fortemente com a poluição do meio ambiente. A necessidade pelo novo tornou as pessoas cada vez mais alienadas e dependentes de um prazer imediato de compra, em outras palavras, no efêmero. (LIPOVETSKY, 1997 – SVENDSEN, 2010).

Com o avanço industrial, a moda se beneficiou nas produções em série, sendo hoje um dos mercados mais rotativos (GODART, 2010). As indústrias de *fast fashion* (moda rápida) são grandes vilãs para o meio ambiente. Elas provocam atenção do consumidor pela aceleração de novidade e baixo custo de seus produtos (SALCEDO, 2014), muitas vezes adotando práticas que vão totalmente contra as leis trabalhistas. Um dos grandes problemas desse ramo econômico é a massificação de produtos, “a vida útil” dessas peças está cada vez mais reduzida, sendo rapidamente descartadas, e dependendo do material, não se decompõem na natureza.

Dessa forma, o mercado de moda esta buscando se adaptar às novas cobranças do consumidor por uma moda mais consciente e uma indústria mais transparente a respeito de suas produções. Para isso, têm sido discutidas diversas alternativas de recolher os materiais têxteis que não estão mais em uso. São exemplos, a reciclagem, devolução de peças, coleta dos produtos e o *upcycling* (SALCEDO, 2014).

1.2 – *Upcycling* e moda

A técnica *upcycling* tem chamado bastante atenção no mundo da moda sustentável, visto que na maioria dos casos utiliza-se 100% do material, cujo destino seria o descarte. Desse modo, ao reutilizar os tecidos evitamos a degradação do meio ambiente. Assim, o produto confeccionado a partir desses resíduos contém um valor agregado que, às vezes, pode ser maior, além de ser produzido, de certa forma, manualmente, sem contar a sua exclusividade. Agindo assim, podemos assinalar que estamos criando moda sustentável, conforme afirma Suçuarana:

Moda sustentável é baseada na preservação do meio ambiente em todas as suas etapas de produção, buscando, por exemplo, reduzir a quantidade de poluentes usados na fabricação dos produtos e minimizando a retirada de matérias-primas da natureza. Existem várias maneiras pelas quais a moda pode ser sustentável, mas é importante sempre levar em consideração os aspectos

sociais, econômicos e ambientais. (SUÇUARANA, 2019¹⁵ - Grifos nossos).

O termo *upcycling* foi enunciado pela primeira vez em 2002, no livro *Cradle to Cradle: criar e recriar ilimitadamente*, por McDonough; Braungart (2014). Para estes autores, o objetivo dessa técnica, se dá em evitar o descarte de materiais que ainda podem ser aproveitados, evitando assim a utilização de novas matérias-primas para a produção de uma nova peça. Portanto, Contribui para a diminuição de energia, emissão de gases prejudiciais ao meio ambiente e a redução da poluição do ar e águas. (LUCIETTI ET AL, 2018)

A técnica de *upcycling* consiste em resignificar o velho e trazer um novo sentido à peça, procura trazer um valor significativo. Conceber uma moda consciente vai além da produção limpa, é buscar um design com laços emocionais, pensar no bem-estar social, em diminuir o desperdício (SALCEDO, 2014). Assim, busca cativar o consumidor fazendo-o a aderir essa nova perspectiva, de moda lenta, afetiva e limpa.

Essa longa discussão sobre moda, sustentabilidade e *upcycling* é para situar o leitor sobre os debates que giram em torno da indústria da moda nas sociedades de consumo e os seus grandes impactos ambientais. Entretanto, nem sempre foi assim. Nosso destaque, como já assinalamos, é rebuscar na Bíblia experiências de reaproveitamento de peças de vestuário na construção de outras roupas, acessórios ou qualquer outra utilidade. Portanto, mesmo que o termo *upcycling* tenha sido urdido a partir de 2002, queremos mostrar que a técnica já era utilizada pelos povos antigos, entre os quais, os bíblicos. Desse modo, não podemos ser acusados de anacrônicos. Assim, entendemos que o artigo se justifica, pois o mundo carece de meios sustentáveis, visto que o meio ambiente geme pedindo socorro a esta e às novas gerações.

¹⁵ Como a citação foi extraída de um hipertexto não há como indicar a página.

2 – O VESTUÁRIO ANTIGO – O MUNDO BÍBLICO

2.1 – Aspectos gerais

O mundo religioso, não somente o judaico-cristão, ao longo dos séculos discute sobre o vestir numa perspectiva moral associada ao desnudar ou não o corpo ou de “usos e costumes”. No Jardim do Éden, Adão e Eva, após a Queda, perceberam que estavam nus e coseram folhas de figueira como vestes¹⁶. Após as várias indagações ao casal e a percepção consciente da nudez, “o Senhor fez para Adão e sua mulher vestiduras de pele com as quais vestiu”¹⁷. Esse evento tem gerado muito debate, como:

Agora, estamos chegando ao significado mais positivo das roupas, que Deus tinha em mente quando forneceu as peles de animais para Adão e Eva vestirem. Foi não apenas um testemunho à glória que havia sido perdida, mas um testemunho de que o próprio Deus, um dia, iria nos tornar aquilo que deveríamos ser. Deus rejeitou as vestes que eles próprios tentaram fazer; então, criou-as ele próprio. Ele demonstrou misericórdia com roupas superiores. (PIPER, 2008¹⁸).

O relato acima é uma análise “espiritualizada” de Piper (2008), o pregador, que não é objetivo deste trabalho discutir. O capítulo 3 de Gênesis nos põe diante de vestimentas costuradas com materiais distintos: folhas de figueira e peles de animais. Aqui não nos cabe esboçar valorações como as assinaladas por Piper (2008) de que Deus “demonstrou misericórdia com roupas superiores”. Nosso interesse é nos materiais e o reaproveitamento para a construção de peças de vestuário ou novos utilitários.

Ressaltamos que o formato de peças de indumentária do mundo do Antigo Israel nos vem mediado pelas inscrições nos monumentos egípcios, babilônicos e hititas (DOUGLAS, 1984 – PENDERGAST, 2004).

¹⁶ Gn 3:7

¹⁷ Gn 3:21

¹⁸ Mais uma citação que foi extraída de um hipertexto, assim não há como indicar a página,

2.2 – Peças básicas do vestuário

Tanto as vestes masculinas como femininas no mundo antigo eram principalmente a túnica e o manto (ROPS, 2008, p. 230). Entretanto, algumas diferenças deviam ser demarcadas, posto existir a proibição de homens vestirem roupas femininas e mulheres usarem peças masculinas¹⁹. Provavelmente, a diferenciação se dava pelo uso de materiais leves e coloridos pelas mulheres, além do véu sobre a cabeça.

A túnica era constituída de uma única peça de tecido ou também a variação de dois pedaços de material costurados horizontalmente, de modo que ficasse à altura da cintura (GOWER, 2002, p. 12). Douglas (1984, p. 1651) nos apresenta algumas variações de sentido na língua hebraica. Em Gn 41:42, quando José é constituído Governador no Egito, ele veste-se de uma *beghed*, ou seja, uma túnica ou coberta. No Salmo 22:18, que aponta para as vestes de Jesus que serão repartidas na cruz, o salmista utiliza a palavra *lebhüsh*, no sentido de roupa. No Novo Testamento, Jesus, em seus ensinamentos no Sermão da Montanha, demarca claramente essas duas peças: “e, ao que quiser pleitear contigo, e tirar-te a túnica, larga-lhe também a capa/manto”.²⁰

O manto ou capa era a outra vestimenta importante no Antigo Israel que tinha algumas finalidades: 1) agasalho, tanto que não podia ser dada em garantia²¹. Paulo, na prisão romana, pede a Timóteo que leve a capa, que estava na casa de Carpo²². 2) Saco para carregar objetos, como no encontro secreto de Rute com Boaz na eira, ao voltar para casa, ela traz consigo seis medidas de cevada em seu manto²³. Havia também um manto mais simples (*abâye*), semelhante aos modernos *felás*, peças mais ou menos quadradas (DOUGLAS, 2004, p. 1652).

¹⁹ Dt 22:5.

²⁰ Mt 5:40

²¹ Ex. 22:25 e Dt. 24:13.

²² II Tm 4:13.

²³ II Tm 4:13.

De modo geral, o vestuário era caro. Normalmente, os pobres tinham apenas uma muda de roupa²⁴. Gower (2002, p. 17) lembra, que no Século I d.C, os judeus ao codificarem a Lei também fizeram um inventário das “roupas que poderiam ser resgatadas de uma casa incendiada no sábado”. Assim, considerando o valor econômico das roupas, podemos lembrar que ato de rasgar as vestes e se cobrir de cinza indicava profunda dor e angústia²⁵.

3 – EXEMPLOS DE *UPCYCLING* NA BÍBLIA

3.1 – Os trapos de imundícia

O profeta Isaías, no capítulo 64:6a de seu livro, assinala “que todos nós somos como o imundo, e as nossas justicas como trapo de imundícia”. O que são esses pedaços de tecido? O Profeta faz uma comparação entre a justiça que o homem pensa possuir com trapos imundos.

A expressão “trapos de imundícia” quer dizer, literalmente, “trapos de menstruação” (עֲדִים וְכַבֵּד – *ukabeged ehdim*), visto que durante esse período, a mulher era considerada impura pelo Código de Santidade, consoante à prescrição de Levítico 15: 19-24:

19. Mas a mulher, quando tiver fluxo e o seu fluxo de sangue estiver na sua carne, estará sete dias na sua separação, e qualquer que a tocar, será imundo até à tarde.

20. E tudo aquilo sobre o que ela se deitar durante a sua separação será imundo; e tudo sobre o que se assentar será imundo.

21. E qualquer que tocar na sua cama, lavará as suas vestes, e se banhará com água e será imundo até à tarde.

²⁴ “A pobreza dos judeus chegou a ser alvo de chacota nas comédias pagãs, nas quais eram apresentados como pedintes, tendo apenas uma camisa para vestir e obrigados a alimentar-se de alfarrobas. ‘As filhas de Israel são lindas’, afirmou tristemente um rabino, ‘pena que a pobreza as torne feias.’” (DANIEL-ROPS, 2008, p. 165).

²⁵ II Sm 3:31; Jó 1:20; Lc 10:13.

22. E qualquer que tocar alguma coisa, sobre o que ela tiver assentado, lavará as suas vestes e se banhará com água, e será imundo até à tarde.

23. Se também tocar alguma coisa que estiver sobre a cama ou sobre aquilo em que ela se assentou, será imundo até à tarde.

24. E se, com efeito, qualquer homem se deitar com ela, e a sua imundícia estiver sobre ele, imundo será por sete dias; também toda a cama, sobre que se deitar será imunda.

O relato bíblico apresenta a interdição social e cerimonial imposta à mulher durante o período menstrual. O fluxo sanguíneo representava impureza para a mulher e todos que a tocavam.



Trapos de imundícia – Fonte: blogtalkradio.com

Obviamente, nosso debate não se circunscreve aos tabus (LAMBORN, 2017) envoltos ao ciclo menstrual, mas aos panos menstruais em si, como um modo de reaproveitamento de tecidos.

Vamos imaginar que uma mulher teceu o linho²⁶ e fez uma túnica para si. Passado algum tempo aquela veste ficou rota, perdeu o vigor dos fios e começou a apresentar rasgões. Ainda assim, aquela mulher elabora uma pequena túnica para uma menina com as partes aproveitáveis. Esse ciclo de reaproveitamento é contínuo até que o tecido se transforme em trapos. O que ela faz com esses pedaços? Provavelmente, absorventes íntimos para o período menstrual.

²⁶ As mulheres judias utilizavam a fiação de roca para a produção dos fios de lã ou linho para depois levá-los ao tear, a fim de justapô-los no urdume e trama. (TENNEY; PACKER; WHITE JR, 1988, p. 79).

Como estamos pensando o vestuário bíblico, numa perspectiva metodológica de história de longa duração, assim, a reutilização de tecidos para o fluxo menstrual perdurou até o surgimento dos absorventes industriais e descartáveis, que são extremamente poluentes²⁷. O mundo contemporâneo é antisséptico (ELIAS, 2001). O que fazia a mulher judia com seu “trapo de imundícia” após o uso? Entendemos que era dado o mesmo tratamento que a mulher da Idade Média²⁸ conferia a esse tecido, ou seja, ao utilizá-lo, lavava e era reutilizado²⁹.

Porque afirmamos que “os trapos de menstruação” das mulheres judias eram lavados e reutilizados e não queimados? Primeiramente, os tecidos eram caros, principalmente, o linho, desse modo, a reutilização era perfeitamente viável. Em segundo lugar, se alguém tocasse a mulher impura deveria lavar as suas vestes ficando purificado no final da tarde. Assim, inferimos que os trapos de imundícia ao serem lavados poderiam ser utilizados pela mulher dentro do mesmo período do ciclo menstrual e nos seguintes, pois se ela estava impura, os seus absorventes também eram “trapos de impureza”.

Iniciamos nossa exposição de *upcycling* na Bíblia de um modo não muito convencional, porém assinalamos que os “trapos de imundícia” podem ser uma ótima metáfora para a nossa própria justiça e um excelente modo de aproveitamento dos últimos fios de um tecido.

3.2 – A estola (éfode) sacerdotal de Gideão

O Livro dos Juízes no capítulo 8:24-27 apresenta outro exemplo de reaproveitamento de materiais para a composição de uma nova peça de vestuário:

24. E disse-lhes mais Gideão: uma petição vos farei: dá-me, cada um de vós, os pendentes do seu despojo (porque tinham pendentes de ouro, porquanto eram ismaelitas).

²⁷ O site Eco4planet estima que uma mulher, com o fluxo menstrual normal, utilize mais de 240 absorventes por ano, algo devastador para a natureza (<http://eco4planet.com/blog/papo-de-mulher-absorventes-descartaveis/>).

²⁸ Revista Galileu, out. 2017.

²⁹ Atualmente, dentro de uma abordagem sustentável, algumas iniciativas têm voltado para absorventes em tecido, possibilitando a reutilização, como por exemplo, os produzidos pela empresa brasileira Pantys.

25. E disseram eles: de boa vontade os daremos. E estenderam uma capa, e cada um deles deitou ali um pendente de seu despojo.

26. E foi o peso dos pendentes de ouro, que pediu, mil e setecentos siclos de ouro, afora os ornamentos, e as cadeias, e as vestes de púrpura que traziam os reis dos midianitas, e afora as coleiras que os camelos traziam no pescoço.

27. E fez Gideão dele um éfode, e colocou-o na sua cidade, em Ofra; e todo o Israel prostituiu-se ali após ele; e foi por tropeço a Gideão e à sua casa.

As guerras antigas tinham uma lógica – o vencedor levava consigo os despojos do vencido. Gideão, juiz em Israel, após derrotar os midianitas, recusou o apelo do povo para se tornar rei, firmando uma dinastia. Entretanto, do quinhão do despojo dos soldados, Gideão solicitou um pendente de cada um. Algumas versões³⁰ traduzem pendente por anel. Pontua ainda o texto, que não foram contados os brincos e os braceletes, em outras palavras, o que chamamos hoje de acessórios em moda. Também não foram medidas as vestes caras, em púrpura, que pertenciam aos reis de Midiã.



Vestimenta sumo sacerdotal – Fonte: pastorenieblog.org

O peso total do ouro recolhido importou em 1.700 siclos, aproximadamente, 19 quilogramas. Com as doações, Gideão fez um éfode para expô-lo em sua cidade natal – Ofra, da Tribo de Manassés. O que era um éfode? Na Bíblia, éfode ou estola, se apresenta

³⁰ Como a tradução ecumênica ou Bíblia de Jerusalém.

como uma indumentária sacerdotal ou real. Portanto, a peça urdida por Gideão não era de uso comum.

Uma estola simples (*efhodb badh*) era um pano usado da cintura para baixo (DOUGLAS, 1984). Davi, após a vitória sobre os filisteus e ao celebrar a vinda da Arca da Aliança a Jerusalém, “saltava com todas as suas forças diante do Senhor e estava cingido de um éfode de linho”³¹. O Rei Saul, em sua obsessão pelo poder, devastou, numa carnificina, todos os moradores da cidade de Nob, em vista da acolhida a Davi, pelo sacerdote Aimeleque, que o concedeu os pães da proposição³². Saul ordenou a matança de oitenta e cinco sacerdotes “que vestiam éfode de linho”³³. Samuel também usava uma estola do mesmo material³⁴.

O linho tinha uma importância significativa no vestuário dos povos antigos. No Egito, o linho era o principal tecido produzido com fibras da planta de mesmo nome (PENDERGAST, 2004, p. 22). Os egípcios desenvolveram uma excelente técnica de tecelagem com esse material leve e modelável, de modo que os tecidos eram extremamente apreciados pelos povos vizinhos (TENNEY; PACKER; WHITE JR, 1988, p. 77), como informa Ezequiel em suas lamentações sobre a cidade de Tiro, ao destacar que “linho bordado do Egito era a tua cortina, para te servir de vela”³⁵. Além do linho egípcio, alguns achados arqueológicos, do período helenístico em Israel, apontam que o Sumo Sacerdote utilizava, nos rituais da tarde, no Dia da Expição, um tipo de tecido chamado de *hinduín*, ou seja, roupas brancas compostas com o fino linho da Índia. (KOREN, 1996, p. 271).

Gideão, que recusara tornar-se rei, contentar-se-ia com um simples éfode de linho? A sua pretensão é manufacturar uma vestidura exclusiva semelhante à estola do Sumo Sacerdote, pois somente este tinha um éfode (*shesh*) caríssimo composto por fios

³¹ II Sm 8:14.

³² Pães que estavam sempre ofertados no Tabernáculo, depois no Templo – Ex. 25: 23-30.

³³ Relato em I Sm 22:18-19.

³⁴ I Sm 2:18.

³⁵ Ez 27:7a.

de ouro e tecidos com pigmentação púrpura e escarlata, além de linho fino³⁶. Entretanto, o relato bíblico indica que Gideão não tinha o interesse de vestir o éfode, mas torná-lo exposto, que veio a ser objeto de idolatria. Talvez, o desejo de Gideão ao elaborar o éfode fosse ser usado para oráculos³⁷, porém fez o povo se desviar de Deus.

Gideão, dos despojos recolhidos dos midianitas para a feitura da estola sacerdotal, reutiliza dois materiais: ouro e tecido com pigmentação púrpura. O ouro era, comumente, utilizado em acessórios de joalheria como anéis, brincos, braceletes, argolas etc³⁸, que além das vestes do Sumo Sacerdote, também ornamentava as roupas dos membros da realeza, como atesta o Salmo 46:13 ao sublinhar que “a filha do rei é toda ilustre lá dentro; o seu vestido é entretecido de ouro”.

Se Gideão estava tomando como modelo a estola do Sumo Sacerdote, certamente, ele não deixaria de também utilizar os tecidos em coloração púrpura³⁹ despojados dos reis midianitas, pois a orientação dada a Moisés para o éfode de Arão era a seguinte: “e farão o éfode de ouro, de azul, e de púrpura, e de carmesim e de linho fino torcido, de obra esmerada”⁴⁰. Assim, inferimos que a púrpura também foi utilizada.

Koren (1996, p 272) destaca que em achados arqueológicos em Israel, como o sítio de Massada, encontraram fragmentos de “complexos de quelato de ferro com hidroxiantraquinonas que embotam as cores e podem produzir tons púrpura-chocolate com tingimentos garança⁴¹, enquanto os complexos de alumínio produzem tons vermelhos mais brilhantes”. Os gregos antigos apreciavam muito a pigmentação roxa, de modo que

³⁶ Ex 28:8 dá a descrição dos materiais da feitura do éfode de Arão, como sumo sacerdote.

³⁷ I Sm 1:9.

³⁸ Alguns exemplos podem ser constatados em Is 3:15-24; 61:10 e I Pe 3:3-4.

³⁹ Tenney, Packer e White Jr. (1988, p. 80) assinalam que “Os hebreus tinham em alta conta os artigos de púrpura, mas empregavam o termo livremente para referir-se a toda cor de tom avermelhado. O Novo Testamento diz-nos que Lídia, da cidade de Tiatira, era ‘vendedora de púrpura’ (Atos 16:14). Tiatira era famosa por seus tintureiros, daí supomos que Lídia negociava com tecido de púrpura e talvez fizesse seu próprio tingimento”.

⁴⁰ Ex 28:6.

⁴¹ Planta trepadeira, que fornecia a tintura de coloração vermelha.

era a coloração mais apreciada pela aristocracia. Entre os romanos, o vermelho era a cor dos senadores e a púrpura do Imperador. (PENDERGAST, 2004, p. 203).

Assim, defendemos que Gideão, em seu *upcycling* valoriza os tecidos roxos dos midianitas, na composição de sua estola sacerdotal, pelo valor dos materiais e pela difícil elaboração da pigmentação, advinda de uma composição de líquen ou de um tipo de marisco do Mar Mediterrâneo. (TENNEY; PACKER; WHITE JR, 1988, p. 80).

3.3. As vestes repartidas de Cristo

Depois de um curto ministério de três anos, em especial na Galileia, Jesus retornou pela última vez a Jerusalém, montado num jumento e aclamado como rei da dinastia davídica. O caminho foi preparado com ramos de palmeiras e as vestes da multidão⁴². Aquela última semana foi bastante agitada. Jesus expulsou os mercadores que atuavam no Templo; celebrou com os seus discípulos a refeição pascal/última ceia; angustiou-se no Jardim do Getsêmani e finalmente foi preso pelos guardas do Sinédrio.

Diante do Sinédrio, o tribunal para as causas judaicas, Jesus foi interrogado por Caifás, o Sumo Sacerdote, que o indagou sobre suas pretensões de ser o Cristo. Quando Jesus reiterou que dentro em breve estaria assentado à destra de Deus, Caifás rasgou as vestes de Cristo, o acusando de blasfemador, condição, segundo ele, que dispensaria a presença de testemunhas.

Nesses relatos, vemos alusões à indumentária. A multidão que pavimentou o caminho de Jesus na entrada triunfal em Jerusalém e as suas vestes rasgadas pelo Sumo Sacerdote.

Após a trama noturna do Sinédrio, o colegiado chegou à conclusão de que Jesus era réu para a morte⁴³. Entretanto, aquele Tribunal não podia aplicar a pena capital, pois apenas o governo romano tinha a gestão dos meios jurídicos, com o devido processo legal, para tal fim. Assim, o Sinédrio, pela manhã, remeteu Jesus a Pilatos, governador romano na Judeia, para interrogá-lo. O governante o questiona sobre sua condição de Rei dos

⁴² Mt. 21:8

⁴³ Mt. 26:66.

Judeus, mas Jesus responde com as palavras do próprio Pilatos e depois permanece em silêncio.

Nas instâncias interrogatórias, o destaque para as vestes de Jesus é marcante. Como vimos, no Sinédrio, as roupas foram rasgadas e perante Pilatos, Jesus foi despido e coberto com um manto escarlate, escarnecido e depois restituído às suas vestes⁴⁴;

O evangelista Lucas⁴⁵ registrou, que Pilatos sabedor de que Jesus era Galileu, o enviou para ser inquirido por Herodes Antipas, tetrarca da Galileia, que naqueles dias estava de passagem por Jerusalém. Ante os questionamentos, Jesus permanece em silêncio. Herodes segue os mesmos passos de desprezo e zombaria do Sinédrio e de Pilatos, pois “com os seus soldados, desprezou-o e, escarnecendo dele, vestiu-o de uma roupa resplandecente e tornou a enviá-lo a Pilatos”⁴⁶.

Temos defendido ao longo deste texto, o vestuário, como uma construção social marcada por elementos simbólicos. Perante as autoridades judaicas e romanas, Jesus foi despido de suas roupas comuns de Galileu (O'REILLY; DUGARD, 2015, p.110), para numa teatralização infame e zombeteira, ser revestido com mantos reais temporais, nos quais seus algozes sinalizam – se és rei, se vista como tal.

Temos feito esta breve introdução sobre o vestuário de Jesus ao longo do processo acusatório para mostrar que com a sentença de morte definida e a pena em execução, mais uma vez as suas roupas ganham atenção, consoante a descrição do Evangelho de João 19: 23-24:

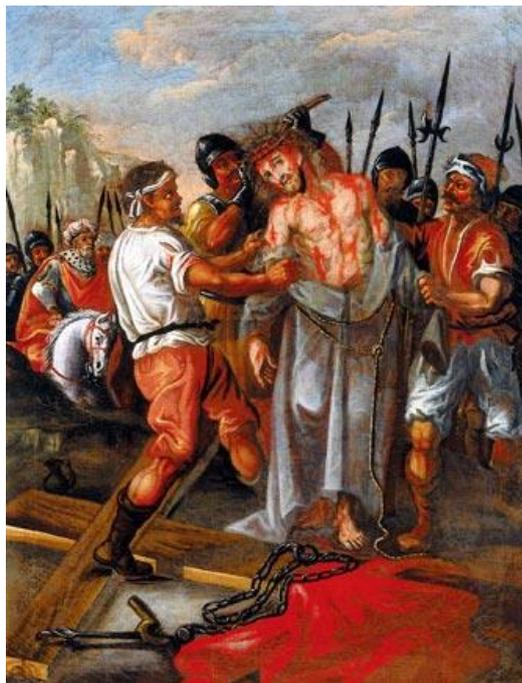
23. Tendo, pois, os soldados crucificado a Jesus, tomaram suas vestes, e fizeram quatro partes, para cada soldado, uma parte; e também a túnica. A túnica, porém, tecida toda de alto a baixo, não tinha costura.

24. Disseram, pois, uns aos outros: não a rasguemos, mas lancemos sortes sobre ela, para ver de quem será. Para que se cumprisse a Escritura que diz: repartiram entre si as minhas vestes, e sobre a minha vestidura lançaram sortes. Os soldados, pois fizeram estas coisas.

⁴⁴ Mt. 27: 7-31.

⁴⁵ Lc 23: 8-11.

⁴⁶ Lc 23:11.



Jesus é despojado de suas vestes – *Via Crucis*, Felix Anton Scheffler - 1757

Fonte: vatican.va

As roupas de Jesus nas mãos dos soldados romanos se assemelham aos despojos de guerra trazidos pelos vencedores. O poder temporal romano, representado na presença da soldadesca, não restituiu as vestes a Maria, sua mãe, que estava próxima à cruz, mas a ignora e divide as peças entre si. Segundo Hendriksen (2004, p. 855), “como era costume, as vestes que tinham sido usadas pelo condenado eram divididas entre aqueles que executavam a sentença”. Portanto, as roupas de Jesus funcionaram como um bônus ou gratificação aos executores da pena.

As vestes de Jesus repartidas entre os soldados romanos é mais um exemplo que registramos de reaproveitamento na Bíblia. Mais uma vez pontuamos que, embora a execução do inocente tenha sido infame e o processo injusto, porém, nosso objetivo é discutir como se deu o reaproveitamento das roupas de Jesus.

Diante da descrição textual uma questão nos vem à mente: fora a ressalva da túnica que permanece íntegra, as demais peças foram cortadas e repartidas ou a distribuição foi de unidades do conjunto do vestuário? Para esboçar uma resposta, somos auxiliados, em especial, pelo Evangelho de Marcos, capítulo 15:24, que informa: “e, havendo-o crucificado, repartiram as suas vestes, lançando sobre elas sortes, para saber o que cada

um levaria”. Além do relato de João já descrito acima, bem como o de Marcos, ressaltamos que os demais Evangelhos Sinóticos⁴⁷ também destacam o evento:

1) Mateus 27:35 – e havendo-o crucificado, repartiram as suas vestes, lançando sortes, para que se cumprisse o que foi dito pelo profeta: repartiram entre si as minhas vestes, e sobre a minha túnica lançaram sortes.

2) Lucas 23:34 – E diziam Jesus: Pai perdoa-lhes, porque não sabem o que fazem. E repartindo as suas vestes lançaram sortes.

Hendriksen (2004, p. 856), comentando esse evento, ressalta que não é razoável pensar que os soldados cortaram cada peça do vestuário de Jesus, em partes iguais, para depois distribuírem entre si. Desse modo, não faria nenhum sentido lançar sorte sobre os itens do vestuário. Ao que tudo indica, o sorteio⁴⁸ se justificava, pois as peças tinham valores desiguais, visto que provavelmente eram: cinto, lenço de cabeça, sandálias e manto.

A quinta peça do vestuário de Jesus, uma túnica de tecido único e sem costura, normalmente manufaturada com linho fino, era utilizada em contato com a pele. Quanto a esta roupa, os militares resolveram mantê-la íntegra e mais uma vez lançaram sorte, pois rasgá-la “e dar um pedaço a cada um seria torná-la sem serventia, pouco se podia fazer com apenas um pedaço” (HENDRIKSEN, 2004, p. 856). Este é um comentário pertinente, com o qual somos tributários, pois cortar em partes iguais caberia a cada soldado apenas um trapo, com pouca utilidade.

Como temos exposto, o mundo antigo não conhecia a moda, mas as peças do vestuário apresentavam algumas variações culturais. Desse modo, inferimos que sobre o reaproveitamento das roupas de Jesus, os soldados romanos realizaram algumas

⁴⁷ Mateus, Marcos e Lucas. Sinótico, do grego com a mesma visão ou óptica.

⁴⁸ “Certos jogos tinham lugar em espaço aberto. Plutarco diz que quando os soldados não estavam em serviço eles jogavam dados ou outro jogo semelhante ao de damas. Os que tiraram sortes para ver quem ficava com a túnica sem costura na crucificação devem ter levado dados no cinto. Nas pedras que formavam o piso do *lithostrotos*, no pátio de lajes da fortaleza Antônia onde Pilatos estabeleceu o seu pretório, pode-se ver claramente as linhas de um jogo como o de amarelinha, e o “jogo do círculo” mencionado por Plautus”. (DANIEL-ROPS, 2008, p. 241).

modificações, pois jamais queriam ser identificados, por algum detalhe da indumentária, com um cidadão judeu/galileu.

Sobre o manto, como peça do vestuário antigo, já esboçamos comentários anteriormente, cujo formato era quase inalterado, ou seja, era um pano quadrado ou oblongado com dois a três metros de largura (TENNEY; PACKER; WHITE JR, 1988, p. 81). Entretanto, os homens judeus utilizavam fitas azuis nas orlas de seus mantos, como atesta Números 15:38: “fala aos filhos de Israel, e dize-lhes: que nas bordas das suas vestes façam franjas pelas suas gerações; e nas franjas das bordas ponham um cordão azul”. Jesus teceu duras críticas aos escribas e fariseus que prezavam por manifestações exteriores, como os detalhes exagerados e o alargamento das franjas das vestes⁴⁹. Obviamente, Jesus não estava sendo contrário às franjas nas orlas do manto, pois a orientação da Lei tem um caráter simbólico do Judaísmo, como religião de memória, ao destacar que tal prática seria “pelas gerações”.

Portanto, defendemos ser correto afirmar que o manto de Jesus, como judeu, também continha, nas bordas, um cordão azul. Assim, jamais um soldado romano iria utilizar a vestimenta⁵⁰ com tal detalhe, ainda mais vindo de um líder religioso oriundo da Galileia, região conhecida por ser epicentro constante de revoltas contra o domínio romano (ASLAN, 2013, p. 44). Portanto, no *upcycling* da capa de Jesus, pelo soldado, todos os signos judaicos foram destituídos e a peça resignificada simbolicamente, sendo transformada em uma toga⁵¹, ou seja, o tipo mais comum de manto romano.

O par de sandálias era a outra peça do vestuário de Jesus apontada por Hendriksen (2004) como parte da divisão pelos carrascos romanos. Tenney, Packer e White Jr. (1988, p. 82) descrevem o tipo mais comum de sandálias utilizadas pelos judeus, como sendo construídas com solado em madeira e fixadas aos pés por correias de couro. Já Daniel-Rops (2008, p. 236) informa que os romanos haviam trazido para a Judeia “o seu *calceus*, com quatro tiras, os leves *solea* para dentro de casa e o *soccus*, bem semelhante aos nossos

⁴⁹ Mt. 23:5

⁵⁰ O romano, no seu orgulho de conquistador e de sociedade dividida em classes, buscava distinção, sendo um dos primeiros a proceder à codificação de leis suntuárias. (PENDERGAST, 200, p. 165).

⁵¹ A toga era a peça do vestuário que distinguia o cidadão romano, mesmo o mais pobre, dos escravos e dos bárbaros (como os romanos denominavam os povos de outras nações). (PENDERGAST, 200, p. 166).

chinelos”. Comparando os calçados usados pelos judeus com aqueles utilizados pelos romanos, podemos observar que estes tinham peças mais sofisticadas, enquanto aqueles, unidades mais rústicas. Desse modo, sugerimos que o soldado romano sorteado com as sandálias de Jesus, acostumado com calçados mais requintados, provavelmente, tenha reutilizado o couro e descartado o desconfortável solado de madeira.

O cinto e o lenço de cabeça, por serem peças menores, pouco seriam modificadas. O lenço funcionava como um guardanapo ou toalha (TENNEY; PACKER; WHITE JR, 1988, p. 85), assim, poderia continuar com a mesma função nas mãos do soldado romano. O cinto, entre os romanos, costumava ser de couro ou metal, já o dos judeus de corda, pano ou couro, com aproximadamente 10 centímetros ou mais. Neste caso, entendemos que o soldado fez uso do cinto de Jesus em ambiente doméstico, pois no espaço público, ele utilizava peças ao estilo romano.

Finalmente, voltamos à túnica sem costura que Jesus usava no momento da crucificação e sorteada a um dos quatro executores. A narrativa de Mateus e de João recuperam o evento, como um cumprimento profético expresso no Salmo 22:18, quando Davi destaca: “repartem entre si as minhas vestes, e lançam sortes sobre a minha roupa”. Não faremos uma discussão exegética sobre o caráter messiânico do referido Salmo, pois ultrapassaria os limites deste artigo.

A túnica, como veste interior de linho fino e elaborada sem costuras, não sofreu nenhuma alteração durante o lançar sortes, mas é provável que o soldado romano tenha feito alguns ajustes, sem cortes, para que se assemelhasse com o modelo romano, que era denominada de “dalmática”, cuja descrição é a seguinte:

A dalmática era uma variação romana de uma das mais comuns roupas, a túnica ou camisa. No final do Império Romano (27 a. C – 476 d. C), as variações da túnica tornaram-se mais fantasiosas e elaboradas. Uma dessas variações foi a dalmática. No começo tinha mangas e uma bainha em forma de sino que podia ir desde os joelhos até tão baixo quanto o chão. Com o passar do tempo, no entanto, as formas da dalmática ficaram mais elaboradas. Clavi, ou listras, geralmente enfeitavam ambos os lados da roupa, e o modo de cortar as mangas podia ser estreito no pulso e largo no ombro, ou vice-versa. Com o passar do tempo a dalmática tornou-se cada vez mais longa e fluida, e muitas vezes usada sobre uma túnica, para homens, ou no lugar da estola, ou vestido, para mulheres. Nesta forma mais longa, foi adaptado como uma das muitas roupas eclesiais ou relacionadas com a igreja usadas pelo clero na Igreja católica romana. A dalmática também se tornou uma das vestimentas mais comuns do Império Bizantino (476-1453), que surgiu após o colapso do Império Romano

como a dominante sociedade na região do Mediterrâneo. (PENDERGAST, 200, p. 170 – tradução livre).

Portanto, assumimos, partindo de cotejos com o modo de vestir e orgulho romano, que a maior parte das vestes de Jesus, nas mãos dos soldados, foi objeto de ajustes ou alterações, ou seja, o aproveitamento se deu de maneira simbólica, com aproximações ao vestuário do dominador.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste momento de arremate das principais ideias e abordagens contidas no texto, ressaltamos que o homem do mundo antigo bíblico, não motivado pelo consumo, nem pela busca de diferenciação inaugurada pela moda na modernidade, reaproveitava os materiais das peças de seu vestuário para a elaboração de novos utilitários.

Utilizamos o conceito de *upcycling* em moda, não de modo forçado ou anacrônico, mas para mostrar que o homem antigo, e especial o povo judeu, tinha uma consciência clara daquilo que chamamos hoje de sustentabilidade, pois fazia o uso correto da terra, inclusive com o descanso⁵², descartava seus resíduos sólidos em espaços fora dos limites do acampamento⁵³ e não explorava os recursos da natureza⁵⁴ de modo predatório.

Reconhecemos que há na Bíblia muitos registros sobre vestimentas. Entretanto, ressaltamos que os estudiosos que se interessaram pela temática, como alguns mencionados neste texto, se limitaram à descrição e pouca análise. Nossa empreitada, porém, aventurou-se, não de modo irresponsável, mas apresentando as conclusões mediadas por cotejos, inventários e inferências, a partir da indumentária dos povos vizinhos de Israel ou dos dominadores, como os romanos.

Numa configuração, em que a indumentária antiga se insere na história de longa duração, pois há muitas permanências e poucas rupturas, a túnica, por exemplo, pode ter recebido os mais variados nomes, como dalmática, entre os romanos, mas seu formato

⁵² Ano sabático (sétimo ano) a terra descansava – Lv. 25: 1-7.

⁵³ Dt. 23: 13-15.

⁵⁴ Fauna – Dt. 22: 6-7 e flora – Dt. 20: 19-20.

permanece inalterado até os dias de hoje, considerando sua utilização pelos os povos árabes. Apenas a moda, no início do Renascimento, permitiu que o homem, em especial das cortes europeias, buscasse autonomia estética individual de suas roupas. No mundo bíblico e seu padrão permanente de vestuário, defendemos que o reaproveitamento de materiais têxteis ou não era uma necessidade, não uma opção.

REFERÊNCIAS

ASLAN, Reza. **Zelota: a vida e época de Jesus de Nazaré**. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

AUGÉ, Marc. **Os domínios do parentesco**. Lisboa: Edições 70, 1975.

BARTHES, Roland. **Sistema de moda**. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

BÍBLIA. Tradução de João Ferreira de Almeida. Edição Corrigida e Revisada. São Paulo: Sociedade Bíblica Trinitariana do Brasil, 2007.

BURKE, Peter. **A Escola dos Annales (1929-1989): A Revolução Francesa da Historiografia**. São Paulo: Unesp, 1997.

CALANCA, Daniela. **História social da moda**. São Paulo: Secac, 2011.

CRANE, Diana. **A moda e seu papel social: classe, gênero e identidade das roupas**. São Paulo: SENAC, 2006.

CARDOSO, Rafael. **Uma introdução à história do design**. 3ª edição. São Paulo: Blucher, 2008.

DANIEL-ROPS, Henri. **A vida diária nos tempos de Jesus**. São Paulo: Vida Nova, 2008.

DOUGLAS, J. D. (Org). **O novo dicionário da Bíblia**. São Paulo: Vida Nova, 1984.

DURKHEIM, Émile. **Da divisão do trabalho social**. 4ª edição. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

ECYCLE. *Upcycling*: qual o significado e como aderir à moda. Disponível em: <https://www.ecycle.com.br/77-upcycling-upcycle>. Acesso em 13 de out 2019.

ELIAS, Norbert. **A solidão dos moribundos seguido de envelhecer e morrer**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

FRICK, Frank S. Ecologia, agricultura e padrões de assentamento. In: **O mundo do Antigo Israel**: perspectivas sociológicas, antropológicas e políticas. São Paulo: Paulus, 1995, pp. 71-96.

GEERTZ, Clifford. **A Interpretação das Culturas**. Rio de Janeiro: Livro Técnicos e Científicos, 1989.

GODART, Frédéric. **Sociologia da Moda**. São Paulo: Editora Senac, 2010.

GOWER, Ralph. **Novo Manual dos usos e costumes dos tempos bíblicos**. Rio de Janeiro: CPAD, 2002.

HENDRIKSEN, William. **Evangelho de João**. São Paulo: Cultura Cristã, 2004.

KIRSCH, Jonathan. **As prostitutas na Bíblia**: algumas histórias censuradas. Rio de Janeiro: Record/Rosa dos Ventos, 1998.

KOREN, Zvi C. Historico—chemical analysis of plant dyestuffs used in textiles from ancient Israel. In: **Archaeological Chemistry**, pp. 269-310, may, 1996. Disponível em: <https://pubs.acs.org/doi/abs/10.1021/bk-1996-0625.ch02>. Acesso em: 20 out. 2020.

LAMBORN, Audrey Marie, **It's About 'That Time' to Break the Cycle**: A Rhetorical Analysis of Challenging Menstrual Taboos, 2017, 201 f. Dissertation (Master of Arts) – Abilene Christian University, Abilene, 2017.

LIPOVETSKY, Gilles. **O império do efêmero**: a moda e seu destino nas sociedades modernas. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

LUCIETTI, Tamires Joaquim *et al.* Importância do *upcycling* no desenvolvimento da moda: estudo de caso da marca *recollection lab*. In: **Revista INTERthesis**, vol. Florianópolis, vol. 15, nº 2, pp. 143-159, mai-ago. 2018.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **A ideologia alemã**. 10ª edição. São Paulo: Hucitec, 1996.

MCDONOUGH, Willian; BRAUNGART, Michel. *Cradle to Cradle*: criar e recriar ilimitadamente. 1ª edição. São Paulo: Editora GG, 2014.

MESQUITA, Patrícia. **A sustentabilidade na indústria da moda**. 2015. 101 f. Dissertação (Mestrado em Marketing) – Universidade da Beira Interior, Covilhã, 2015.

MORELLI, Graziela; ENDER, Jacqueline. *Upcycling*: um novo caminho para a moda sustentável. In: GAMPI Plura, 6º, 2017, Joinville, **Anais Eletrônicos**. Joinville: Univille, 2017, pp. 1-12. Disponível: <https://www.proceedings.blucher.com.br/article-details/upcycling-um-novo-caminho-para-a-moda-sustentvel-28189>. Acesso em: 6 out. 2020.

MOURA, Tainara Schuquel de. **Upcycling na construção de novas peças do vestuário a partir de itens de desuso**. 2017. 97 f. Monografia (Graduação em Design de Moda) – Universidade Tecnológica do Paraná, Apucarana, 2017.

O'REILLY, Bill; DUGARD, Martin. **Os últimos passos de Jesus**. Rio de Janeiro: Sextante, 2015.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS – ONU/COMISSÃO MUNDIAL SOBRE MEIO AMBIENTE E DESENVOLVIMENTO. **Nosso futuro comum**. Rio de Janeiro: FGV, 1991.

PENDERGAST, Sara. **Fashion, costume, and culture: clothing, headwear, body decorations, and footwear through the ages**. Vol. 1. Farmington Hills: Thomson/Gale, 2004.

PIPER, John. **A rebelião da nudez e o significado das roupas**. 2008. <https://www.desiringgod.org/articles/the-rebellion-of-nudity-and-the-meaning-of-clothing?lang=pt>. Acesso: 19 out 2020.

REDAÇÃO GALILEU. Oito fatos bizarros sobre menstruar durante a Idade Média. In: **Galileu Digital**, out. 2017. Disponível em: revistagalileu.globo.com/Sociedade/Historia/noticia/2017/10/8-fatos-bizarros-sobre-menstruar-durante-idade-media.html. Acesso em: 15 out. 2020.

REIS, José Carlos. A concepção de tempo histórico dos “annales”. In: **Varia História**, Belo Horizonte, nº 12, pp. 14-29, dez. 1993.

SALCEDO, Elena. **Moda ética para um futuro sustentável**. São Paulo: Editora GG, 2014.

SOUZA, Gilda de Melo. **O espírito das roupas: a moda no século**. São Paulo/Rio de Janeiro: Companhia das Letras/Ouro sobre Azul, 2019.

SUÇUARANA, Monik da Silveira. **Moda sustentável**. Disponível em: <https://www.infoescola.com/ecologia/moda-sustentavel/>. Acesso: 13 out. 2019.

SVENDSEN, Lars. **Moda: uma filosofia**. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

TENNEY, Merril C; PACKER, J. I.; WHITE JR., William. **Vida cotidiana nos tempos bíblicos**. São Paulo: Vida, 1988.

THOMPSON, John B. **Ideologia e cultura moderna: Teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa**. Petrópolis: Vozes, 1995.

WEISBERG, Dvora E. **Levirate marriage and family in Ancient Judaism**. Waltham: Brandeis University Press, 2009.